

SUSPENDA SEUS JUÍZOS!

Resenha de LIRIO, Daniel Rodrigues.

Suspensão corporal: novas facetas da alteridade na cultura contemporânea. São Paulo:

Annablume, 2010, 200p.

Viviana Senra Venosa

Psicanalista. Graduada em Psicologia pela USP. Pesquisadora do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (PST-IP-USP), na pesquisa internacional *Marcas corporais auto-infligidas à luz do laço social contemporâneo* (PST-IP-USP e Rennes 2, França). Pesquisadora do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise (Latesfip-USP). Aspirante a membro do Departamento de Psicanálise Instituto Sedes Sapientiae. Profissional da equipe fixa do Programa de Atenção aos Transtornos Alimentares da Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina (Proata/Unifesp-EPM).
E-mail: viviana_venosa@uol.com.br

Não! Não há fotos, imagens ou infográficos! Definitivamente o leitor que procurar folhear este livro, em busca de fotos e registros visuais, ficará frustrado! Não há imagens! Nem mesmo na capa!

O fenômeno da suspensão corporal pode provocar, num interlocutor ingênuo, uma rápida atribuição de juízo de valor, encerrando-o numa compreensão simplista, rasa e, muitas vezes, carregada de moralidade. Neste livro, Daniel Rodrigues Lirio, psicanalista e mestre em psicologia social pela USP, convida o leitor a aproximar-se da prática da

suspensão corporal, mas também de seus sujeitos, de forma a evidenciar as complexidades e os jogos tensionais envolvidos em suas antinomias. O leitor se vê, portanto, obrigado ao exercício de uma *epoché fenomenológica*¹, para poder embarcar neste universo aberto no livro de forma generosa e cuidadosa.

Escrito em primeira pessoa, Daniel Lirio não se furta, em muitas passagens, de deixar registradas suas impressões pessoais, algumas associações e pensamentos derivados, proporcionando ao leitor acompanhá-lo, bem como o deixando à vontade para derivar seus próprios pensamentos e associações.

Portanto, a ausência de imagens – proposital ou não – impede que o leitor totalmente desabituaado à suspensão corporal porventura se torne espectador alienado de um teatro de aberrações, impactado e aprisionado em julgamentos apressados, como tudo que é *estranhamente familiar* pode vir a provocar de imediato. E reafirma a postura do autor, colocada claramente desde a Introdução: “na contraposição entre a comunidade mod e a maioria das pessoas não modificadas, tentou-se, primeiro passo, evitar o entendimento da modificação como forma de superar falhas no desenvolvimento ‘normal’;

1 Termo grego que significa, literalmente, *colocar entre parêntesis*. Utilizado pelo filósofo Edmund Husserl (1859-1938) para conceituar a atitude fenomenológica de *suspensão de juízos*, a fim de proporcionar uma atitude de *contemplação desinteressada* do fenômeno observado, *sem atestá-lo, mas também sem contestá-lo*.

e, assim, segundo passo, pensar as modificações como interiores a história humana, em que pessoas modificadas e não modificadas questionam-se mutuamente” (p. 22). E no derradeiro terceiro passo, Lirio procurou *escutar* seus entrevistados, “atento ao que mostram de mais genuíno e singular, considerando que, seja qual for o discurso, dialoga com sua cultura” (p. 22).

Nos primeiros capítulos, Lirio apresenta um pouco da história, vale seguir com ele alguns fatos e dados observados: em sua origem, a suspensão corporal é uma prática presente em tribos hindus e indígenas estadunidenses. Mais recentemente, a partir da década de 60, começa a aparecer uma organização chamada *Moderns Primitives*, tendo em Fakir Musafar seu mais conhecido representante; e desemboca hoje no fenômeno autodenominado *Cultura Mod*. Segundo David Le Breton, antropólogo francês que há muito se dedica ao estudo do corpo e das significações das marcas corporais na história e cultura humana, “Fakir Musafar é um exemplo impressionante do ‘primitivismo moderno’, isto é, dessa colagem de práticas e de rituais fora de contexto, flutuando em uma eternidade indiferente, longe de seu significado cultural original, muitas vezes ignorado por aqueles que o empregam transformando-o em *performances* físicas.” (2003, p. 38). De acordo com a pesquisa de Lirio, “o termo [*modern primitives*] foi cunhado em 1967 para denominar uma pessoa pertencente à cultura moderna que modifica ou manipula o corpo, supostamente em resposta a uma necessidade/exigência primária (*primal urge*).” (p. 24), sendo assim, para pertencer a este grupo, sob

os critérios de Fakir, o sujeito deve justificar sua *ação no corpo* com o argumento de uma necessidade interna, uma urgência subjetiva, com a finalidade de buscar um sentido único e singular para sua existência. Cria-se uma linha divisória, portanto, entre aqueles que o fazem para responder a ideais meramente estéticos e “exteriores” e os que o fazem por moções “legítimas” e “verdadeiras”, posto que advindas de um chamado anímico.

Mas, adverte nosso autor, “deve-se ficar atento a um fator peculiar à retomada das modificações corporais, qual seja, o discurso contrário à alienação, à reificação e a massificação típicas da modernidade; em favor da espiritualidade, da transcendência e da espiritualidade; simultaneamente à manutenção de valores modernos como a individualidade, a posse, o sucesso e o entretenimento.” (p. 32). Neste sentido, a pesquisa de Lirio também revela que as motivações estéticas e o apelo visual, como substrato para justificar a “customização” do próprio corpo, garantindo assim marca(s) de singularidade(s), ainda parecem ser os mais prevalentes. “Atualmente, milhares de pessoas sem qualquer identificação profunda com seu sentido histórico podem estar interessadas apenas em um aumento de beleza, via um *piercing* delicado no nariz ou uma pequena tatuagem na panturrilha.” (p. 42-43). Portanto, há implícito um alerta sobre este fenômeno típico da economia moderna, em que muito daquilo que é transgressor e *underground* corre o risco de ser assimilado e transformado, em maior ou menor grau, em cultura de massa e/ou objeto de consumo. Lirio observa que “boa parte das pessoas mais profundamente ligadas às

modificações se sente irritada com isso, por torná-las algo superficial, uma moda entre outras.” (p.43).

A partir da década de 70, principalmente com o movimento punk, a cultura de modificar e marcar o corpo com signos como tatuagens e *piercings*, antes uma prática exclusivamente marginal, passa a se popularizar até que, nos dias de hoje, seja comum; nas áreas urbanas, observamos peles coloridas, corpos adornados por joias e furos em locais que, até bem pouco tempo, eram considerados inusitados, estranhos, bizarros; e uma verdadeira economia de mercado é criada em torno da temática. Em 1994 cria-se um site de Cultura Mod, chamado *Body Modification Ezine*, que tem como objetivo reunir informações, difundir a prática e organizar o grupo (p. 36-37). Dentro do BMEzine há ainda o IAM.Bmezine, que funciona como uma espécie de site de rede de relacionamento entre os *moders* (ao estilo *Orkut* e *Facebook*). E vale acrescentar que o conteúdo dos sites é tão vasto e completo que boa parte das informações, para a pesquisa de Daniel Lirio, foi colhida desta fonte. Outro ponto que chama a atenção é o uso da internet pela Cultura Mod, ou seja, como a ferramenta da internet fornece de algum modo consistência e visibilidade para este grupo; e pelo fato de o site ser constantemente alimentado com relatos e informações dos seus usuários e sobre eles, algo deste mundo virtual parece ganhar volume corporal, formando características de grande densidade, organização e aliança subjetiva. “Em suma, o site BME é parte ativa do cotidiano das mods.” (p. 38).

Finalmente, “dentre as várias mods, a suspensão corporal é uma prática extrema cuja popularidade aumenta a cada ano. Ela é considerada antes uma modificação mental do que corporal, mas a maioria de seus praticantes também possui modificações corporais.” (p. 45). Ora, se ainda há dúvidas, em suma, a prática da suspensão corporal consiste em elevar um sujeito por meio de ganchos de metal incrustados em dois ou mais lugares de sua pele. Assustador? Repulsivo? Estas seriam as reações já de um interlocutor que pressupõe que este ato não deveria ser realizado. Lirio vai além das fronteiras da pergunta “por que fazer isto?” e arrisca-se a adentrar no tecido encarnado de “quem é este sujeito?”.

O capítulo IV do livro consiste em analisar relatos de experiências de suspensão. Ao todo são três relatos, com o seguinte recorte: narrativas escritas, colhidas no site, que contavam a primeira experiência de suspensão, tendo sido as três bem sucedidas e satisfatórias para os sujeitos. Para a análise, Lirio recorre ao método da análise institucional do discurso². A escolha por analisar relatos publicados na internet, ao invés de, por exemplo, realizar entrevistas com praticantes, tem vários motivos. Um deles é o papel da internet para a Comunidade Mod, no sentido agregador e representativo do perfil (ainda conserva certa heterogeneidade) de seus participantes, bem como a facilidade de aproximação e acesso a todo este material público. Outro motivo bastante pertinente se ancora na ética do sigilo, aliás, questão bastante cara à psicanálise.

2 Trata-se do “método de análise do discurso” desenvolvido pela Profa. Dra. Marlene Guirado – USP.

Ocorre que, se o autor optasse por entrevistar praticantes, muito possivelmente seriam brasileiros, mais provavelmente paulistanos, ou residentes de São Paulo. Ora, a comunidade que pratica suspensão corporal nesta metrópole, embora crescente, não é ainda tão extensa, a ponto de preservar o anonimato dos praticantes. Sendo assim, muitos dados além da troca do nome deveriam ser modificados ou omitidos, a fim de impedir que o suposto sujeito entrevistado fosse identificado e exposto, de tal forma que a análise poderia vir a ser muito prejudicada (p. 189).

Muitos daqueles que nunca tiveram contato um pouco mais próximo com as práticas de modificações corporais se indagam a respeito da dor. Ora, evidentemente a dor está presente, pois não é comum o uso de nenhum tipo de anestésico visando a sua diminuição ou supressão. Inclusive, no capítulo sobre dor, Lirio adverte aos incautos: “muitas pessoas com mods se irritam profundamente com as perguntas de estranhos em relação à dor (...). As reações variam entre a ironia e o sarcasmo, vão da raiva ao bom humor.” (p. 63). De qualquer forma, o pesquisador Daniel Lirio mostra ao leitor que a relação com a dor é um ponto de extrema complexidade no campo das modificações corporais, e, no caso das suspensões corporais, a complexidade aumenta consideravelmente. Em primeira pessoa, Lirio escreve: “Não consigo relacionar com isso [dor nas suspensões] nem a ideia de um masoquismo, caso em que a dor seria prazerosa, nem a possibilidade de dissimular a dor na vergonha de demonstrar uma fraqueza. Penso haver, antes, outra forma de assimilar o conjunto de sensações do qual a dor faz

parte, como se a expressão de um rosto fosse insuficiente para dizer o que sentem corpo e alma, ou melhor, como se a própria categoria de expressão caísse em desuso.” (p. 129).

Na análise das entrevistas, Lirio destaca seis categorias fundamentais que puderam ser observadas e que, somente por motivos de pragmatismo exigido para a finalidade da análise, é que foram isoladas; pois, há uma evidente imbricação das categorias umas com as outras, de forma que se inter-relacionam organicamente (p. 116). Nesta resenha, a fim de aguçar a curiosidade do futuro leitor deste livro, proponho expor uma delas: o *saber*.

Com relação ao *saber*, o autor mostra que há algo de *inenarrável* na experiência. Tanto nos relatos analisados, quanto nas observações de campo de Lirio, parece existir um ponto, a partir do *mais além da dor*, que se torna indizível, algo do privado. Mas que, por outro lado, entra em *comunhão* com todos os iniciados na prática de suspensão, ou seja, quem passou por ela *sabe*. Uma espécie de *saber* que não passa pela ordem da cognição, mas da *experiência sensível e corporal*, que é mediada pela *dor*. Neste sentido, muito diferente das tatuagens, por exemplo, que geralmente se dão a ver, há isto do *invisível* da *experiência* de suspensão corporal. Ainda que seja uma prática que pode envolver plateia e registros visuais (fotos e vídeos) – e Lirio faz todo um trabalho de esclarecimento (p. 180) das formas como estes eventos ocorrem –, por outro lado, este *saber* sobre a *experiência* deve ser *compartilhado*, e nisto reside a importância dos relatos.

Os dois capítulos seguintes contêm articulações metapsicológicas e também com a

teoria social, sociologia e psicologia da arte. Aliás, a inclusão de autores como Bauman, Debord, Baudrillard e Frayze-Pereira, a fim de contextualizar as suspensões como fenômeno da contemporaneidade, já está de certa forma anunciada no subtítulo do livro.

Ora, não é função de uma resenha apresentar todo o conteúdo do livro, mas deixar indicado o caminho do autor, para que o início do percurso de leitura seja descortinado. No capítulo sobre a compreensão psicanalítica, Lirio parte da proposta de que as suspensões poderiam funcionar como uma modalidade contemporânea de reescrita pulsional para apropriação do corpo do sujeito. Escreve: uma “subversão da anatomia original, cuja implicação é a constante necessidade de reescrita do corpo.” (p. 134). Mas não esgota sua compreensão aqui, utilizando autores como Rodolfo, Safra, Winnicott, Lacan, entre outros, Daniel R. Lirio tece uma argumentação complexa e consistente, sem perder seu estilo de escrita leve e em contato com seu leitor. Característica de um pesquisador e autor de envergadura, tal seja, manter a complexidade e consistência sem perder a ternura, jamais! Ao futuro leitor do livro aqui resenhado: boa viagem às *novas facetas da alteridade na cultura contemporânea*.

Referências

- LE BRETON, D. (2003). *Adeus ao Corpo*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003.
- LIRIO, D. R. (2008). Suspensão Corporal e as Três Dimensões da Intercorporeidade. *Rev. Bras. Psicanál.*, v. 42, n. 2, jun. 2008, p. 58-67.

- SILVA JUNIOR, N., LIRIO, D. R. (2005). As Destruições Intencionais do Corpo. Sobre a Lógica do Traumático na Contemporaneidade. In: FRANÇA, C. P. (org.). *Perversão: Variações Clínicas em Torno de uma Nota Só*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- (2006). *A Recodificação Pós-Moderna da Perversão. Sobre a Produção do Comportamento de Consumo e sua Gramática Libidinal*. Rio de Janeiro: Ágora, v. IX, n. 1, jan/jun, p. 65-78.
- (2005). The postmodern re-codification of perversion: on the production of consumer behavior and its libidinal grammar. *International Forum of Psychoanalysis*, v. 14, p. 217-223.

Recebido em 20/11/2011; Aprovado em 5/1/2012.